

**Dos registros filmados ao vir a ser
filmes para mostras de cinema:
experimentações de uma
profissional da educação infantil**

Wenceslao Machado de Oliveira Jr.

Aline Gonçalves de Souza Arena

Gabriela Fiorin Rigotti

resumo

Seria possível que a formação para o cinema se desse no próprio cotidiano escolar, no exercício diário de educar crianças bem pequenas? Seria possível que isso se fizesse menos como capacitação para um cinema predefinido do que como afetação para um cinema a ser inventado ali mesmo, no lugar-escola? Neste artigo apresentamos algumas experiências de como esta formação pode se dar, respondendo afirmativamente às duas perguntas ao acompanhar e refletir sobre o percurso de formação de uma monitora, coautora deste texto, que atua há mais de 20 anos em escolas públicas de educação infantil. Em paralelo, experimentamos fazer funcionar os conceitos de filme e filmagem elaborados coletivamente em pesquisa anterior, apontando a potência de vir a ser que os conecta como um passo importante para o sentir-se capaz de fazer cinema na escola.

Palavras-chave: cinema; educação infantil; formação em exercício; experimentação; vir a ser.

abstract

Would it be possible for cinema training to take place in the school routine itself, in the daily exercise of educating very young children? Would it be possible for this to be done less as a training for a pre-defined cinema than as an affectation for a cinema to be invented right there, in the school-place? In this article we present some experiences of how this training can take place, answering affirmatively to both questions by following and reflecting on the training path of a monitor, co-author of this text, who has worked for over 20 years in public early childhood education schools. In parallel, we experimented with putting into practice the concepts of film and filming developed collectively in previous research, pointing out the potency of becoming which connects them as an important step towards feeling capable of making films in school.

Keywords: cinema; early childhood education; on-the-job training; experimentation; becoming.

Como se daria a formação para o cinema em uma escola de educação infantil? Seria possível que esta formação se desse no próprio cotidiano escolar, no exercício diário de educar crianças bem pequenas? Seria possível que isto se fizesse menos como capacitação para um cinema predefinido do que como afetação para um cinema a ser inventado ali mesmo, no lugar-escola?

Neste artigo apresentamos algumas experiências de como esta formação pode se dar, respondendo afirmativamente às duas últimas perguntas ao acompanhar e refletir sobre o percurso de formação de uma monitora¹, coautora deste texto, que atua há mais de 20 anos em escolas públicas de educação infantil de Campinas, interior de São Paulo.

Ao longo dos dois últimos anos, 2023 e 2024, esta coautora e profissional da educação infantil foi uma das monitoras²

-
- 1 Profissionais que atuam nas turmas sem ter necessidade de formação pedagógica e sem ter a função docente reconhecida.
 - 2 Em seus dois primeiros anos, o projeto se desenvolveu em cinco turmas, uma turma de berçário-AG I e quatro turmas de AG II, que, grosso modo, se compõem de crianças de um a três anos, tendo afetado mais diretamente as cinco professoras e as 28 monitoras que atuam nelas.

WENCESLAO MACHADO DE OLIVEIRA JUNIOR é professor do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais Olho, ambos da Faculdade de Educação da Unicamp.

ALINE GONÇALVES DE SOUZA ARENA é monitora de educação infantil na Rede Municipal de Ensino de Campinas.

GABRIELA FIORIN RIGOTTI é orientadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Campinas.

que se envolveram mais diretamente nas atividades e experimentações com cinema propostas pelo projeto “Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil – Entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte”³, no qual atuam como pesquisador⁴ e pesquisadora associada⁵ o coautor e a outra coautora deste artigo.

DESDE ANTES

Importante dizer que o cinema já existia naquela escola desde antes de o projeto ali chegar, uma vez que compartilhamos a perspectiva de que

“muitas das filmagens feitas nas escolas são planos-sequência do que estava acontecendo na escola e poderiam ser entendidas como ‘filmagens geradoras’, pois, assim como nas palavras freirianas, era como se aquelas filmagens já estivessem ali, fazendo parte do cotidiano vivido naquela escola. Eram filmagens não realizadas, não registradas por câmeras, mas pelos olhos. Ao tomá-las como matéria-prima para fazer filmes, essas filmagens, antes apenas virtuais, passam a ser registradas em imagens e sons e levam as professoras a experi-

mentar o cinema a partir dos materiais que já compunham a vida daquele lugar, daquela escola.

Entendemos que, a exemplo das palavras geradoras, essas filmagens geram aprendizados quando dedicamos a elas olhares mais detidos e conversas mais demoradas, permitindo que, da observação atenta delas, surjam descobertas e desejos de experimentar mais aquela linguagem – neste caso, a cinematográfica –, em suas infinitas variações e combinações naquele contexto vivido” (Oliveira Jr.; Amaral, 2022, pp. 198-9).

As palavras de A., coautora e monitora em foco neste artigo, confirmam isto ao dizer que, mais do que filmagens registradas pelos olhos, ela sempre fizera filmagens e fotografias das crianças em seu exercício cotidiano na educação infantil.

Nessas “filmagens geradoras” já estavam as marcas da matéria-prima cinematográfica que A. extraía de seu cotidiano no lugar-escola:

“As minhas filmagens e registros do cotidiano na educação infantil acontecem quase sempre por um interesse curioso da relação das crianças com o mundo. Muitas vezes, é ‘filmar o simples’ que, para mim, através do olhar das crianças se torna grandioso. A relação da criança com os elementos da natureza é algo tão singelo e genuíno, como se criança e natureza fossem uma coisa só. Isso me traz encantamento. Um inseto no parque de areia, uma folha ou flor caída, a água que corre no chão próximo ao parque. Tudo isso, que passa

3 Fapesp 2021/11398-1 – linha Auxílio à Pesquisa Regular. O projeto é realizado em duas escolas públicas municipais de educação infantil da cidade de Campinas: CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant. A monitora-coautora deste artigo atua nesta última.

4 Professor em uma universidade pública e coordenador do projeto.

5 Orientadora pedagógica da escola em que o projeto se desenvolve.

*despercebido por muitos de nós, adultos, são momentos singulares e de muita importância para os pequenos”*⁶.

Conforme aponta a própria citação, as filmagens se confundiam com “registros simples” do que chamava a atenção de A. no cotidiano escolar, se enquadrando, portanto, na definição de filmagem presente em uma publicação sobre cinema na educação infantil, na qual optou-se por

“diferenciar conceitualmente o que temos produzido no cinema de educação infantil. *Filmagem e filme não poderiam seguir sendo palavras quase sinônimas, uma vez que filme é uma obra pronta e filmagem é todo material filmado que ‘ainda não é filme’, mas conserva a potência de vir a ser filme.*

Esta tem sido nossa maneira conceitual de lidar com os materiais cinematográficos produzidos nas escolas, distinguindo filme de filmagem. Uma vez que a maior parte do que é ali produzido se aproxima de registros audiovisuais do cotidiano e que o horizonte educativo do programa ‘Cinema e Educação...’ (Educação Conectada, 2017) é lidar com as potencialidades da arte do cinema, fez-se necessário encontrar distinções conceituais simples que nos auxiliassem a conversar sobre os materiais – filmagens – que produzimos em grande quantidade e são nossa matéria-prima da grande maioria das produções – filmes – que criamos” (Oliveira;

Oliveira Jr., 2021, pp. 86-7, destaques do autor e das autoras).

Por esta conceituação, A. não realizava produções de cinema – filmes, ainda que já produzisse a matéria-prima deles –, mas filmagens, as quais viriam a ser amplamente utilizadas quando ela entendeu a potência que seus registros possuíam, conforme ela mesma relata mais à frente neste artigo.

Neste sentido, será que essas experimentações de A. com filmagens em seu cotidiano escolar já poderiam ser consideradas uma formação para o cinema? Nos parece que sim e não. Sim, por já ter levado esta profissional a tornar imagens e sons aquilo que ela reparava nas crianças em suas incursões pelo lugar-escola. Não, por ela não ter se deparado com possibilidades e problemas do cinema e, com isto, ainda não ter lidado com a potência de suas experimentações para o próprio cinema, entendendo-o de maneira ampla, estendida (Mello, 2008; Fresquet; Migliorin, 2015; Michaud, 2014), como um conjunto de práticas de encontro com o mundo através das imagens e sons (Fórum Nicarágua, 2021).

A CHEGADA DO (OUTRO) CINEMA

No interior da escola, para além das filmagens de A., os registros em imagens já existiam, mas não só: de uma forma diversa, embrionária talvez, e nas mãos de poucas educadoras mais afeitas a eles, um cinema de “filmagens geradoras”, que se fazia ativado pelas experiências, já estava lá.

6 Optamos por colocar em itálico as frases escritas por A. no processo de escrita deste artigo, uma vez que, apesar de ser uma citação, é a citação de uma coautora do texto.

Quando da chegada do projeto “Cartografia...” à escola, no início de 2023, deu-se também a chegada do programa “Cinema e Educação...”⁷, bem como da segunda coautora deste artigo, orientadora pedagógica ingressante tanto naquela escola como na Rede Municipal de Educação. A esta altura, e ao se apresentar a proposta de execução do projeto ali dentre os dois anos seguintes, o registro em imagens – muitos fotográficos, alguns em filmagens – se fazia na forma de “retrato”, ou seja, a fim de se enquadrar um momento de uma ou mais pessoas, em geral das crianças, no objetivo não apenas de resguardá-lo do esquecimento, mas, sobretudo, para que as famílias tivessem um modo de estar, ainda que a distância, na escola.

Prática do cotidiano escolar, o registro em imagem ali estava como alternativa, mais crédula e palpável, aos registros escritos: cadernos de recados e mensagens em aplicativos de mensagens instantâneas não parecem ser suficientes para contar aos familiares, que estão em casa ou no trabalho, das experiências pelas quais as crianças passam nas 11 horas por dia em que permanecem na escola de educação infantil.

Mas não só: ainda que pouco feito e menos ainda partilhado, um outro cinema é descoberto ali quando do início do pro-

jeto na escola, com professoras e monitoras passando a contar e mostrar filmagens que não se prestavam a retratar um evento escolar ou uma atividade pedagógica incomum; ao contrário, o que emergiu foram filmagens inacabadas, sem começo-meio-e-fim e, portanto, que nenhuma delas ousaria chamar de filme ou de cinema e, por isso, foram nomeadas como imagens de “registro simples”.

O que se desanuviou foram filmagens que brincam; que, quando da brincadeira da criança com ela mesma, com outra, com o adulto ou com a natureza, se faz a partir da captura do olhar para esse momento simples, ordinário, levando a câmera a participar daquele momento, ainda que o enquadramento não esteja “perfeito”, o som não esteja plenamente audível ou a ação filmada não tenha uma conclusão. “Foi só um registro”, muito se ouviu nessas primeiras partilhas, assim como “preciso aprender a fazer isso melhor”.

O desejo por saber mais sobre cinema e suas técnicas foi atendido e formações em exercício foram feitas, tanto para professoras quanto para monitoras e também para toda a equipe educativa escolar – esta que, para nós, se faz também de cozinheiras, faxineiras, zeladores e vigias, além da equipe de gestão. A todo tempo, porém, o que se buscava era que o conceito de cinema fosse alargado, que as educadoras tivessem contato com outras estéticas que não as com que temos contato usualmente – afinal, é papel essencial da escola ampliar o repertório cultural das crianças, sim, mas também de quem as educa. Ainda que posições de câmera, cortes de imagens e

7 O programa “Cinema e Educação: a experiência do cinema na educação básica municipal” é uma política pública da Secretaria Municipal de Educação de Campinas (Resolução SME 07/2016) voltada a fomentar cineclubes nas escolas pautados na tríade ver-conversar-fazer, tendo realizado uma publicação coletiva sobre as experiências com cinema nas escolas municipais (“Cinema e Educação”, 2021).



canais de som se tornassem assunto, das formações ao bate-papo do corredor, o intuito era o de aproximar a escola, em dado tempo já tomada de cinema para além das salas diretamente ligadas a ele pelas visitas semanais do pesquisador e coautor deste artigo, de um conceito de cinema que ultrapassa o filme exibido na tela, a escura e a da sala de estar.

Era o cotidiano, que da criança bem pequena se recheia quase que exclusivamente pelo brincar, que atraía o olhar e a câmera para o cinema que se revelou na escola com a chegada do projeto. O cinema já estava lá? Como dito, sim e não: não com *status* de cinema nem com o que se pensa quando se deseja realizá-lo enquanto tal. Foi através dos apontamentos contidos nos relatos semanais escritos pelo pesquisador sobre o que enxergava na escola, dos exercícios de filmagem-livre-sem-serem-livres propostos através do uso de “dispositivos de criação de imagens” (Fórum Nicarágua, 2021) e do tempo passado entre adultos e crianças nos quintais das escolas que filmagens das e pelas crianças com árvores e vento e pássaros e borboletas e lagartas e areia e folhas e chão revelaram, sim, o cinema, o nosso cinema.

Dizemos “nosso cinema” porque, tanto no projeto “Cartografia...” quanto no programa “Cinema e Educação...”,

“nosso entendimento é que estamos atuando no campo da formação de professores. Não por capacitação, mas por afeição (pelo cinema e pela comunidade); não por ensino, pois não há um percurso único a seguir, nem mesmo um conjunto de conhecimentos a ser acumulado, mas

por conexões variadas a serem realizadas, pelo exercício mesmo das inteligências pessoais, em seu contato com a inteligência dos filmes” (Miranda; Oliveira Jr., 2022, p. 233).

Desta forma, as ações de pesquisa e extensão e a política pública que sustentam a presença do cinema nas escolas municipais se efetivam não como um processo de capacitação para um ideal de cinema a ser produzido, mas como processos diversos de afetação das escolas pelo cinema, em suas muitas modalidades e maneiras de criar imagens e sons.

DAS FILMAGENS AOS FILMES PARA AS MOSTRAS DE CINEMA

Desde o início de minha atuação⁸ na educação infantil, fazer registro em imagens tem sido um hábito que eu trouxe da faculdade. Os diários de campo dos estágios já continham imagens e quando cheguei na escola continuei com meus registros fotográficos. Parar para pensar como eram esses registros antes do projeto “Cartografia...” me faz entender que os uso como instrumento de avaliação do meu próprio trabalho, mas também como forma de recordação do meu encantamento com as descobertas das crianças.

Nesse processo fui descobrindo que as imagens me contam mais do que as

minhas escritas e que elas têm um valor afetivo grande para mim. Tenho fotos e vídeos de todos os 22 anos de trabalho na rede de Campinas. Algumas vezes, as minhas fotografias e filmes foram usados nas turmas que passei como documentação pedagógica, nas reuniões de pais e para outros fins, mas esse não era meu único objetivo, pois eu continuava a registrar as imagens, sendo usadas ou não. Fazer registros em imagens sempre foi uma necessidade para mim.

No ano de 2023 recebemos em nossa escola o projeto já citado como parte do “Cinema e Educação...” e, desde então, o nosso olhar para o registro em imagens se intensificou. As oficinas de “dispositivos de filmagem”⁹ nos ajudaram a captar melhor a imagem potente da criança em suas relações. Não só das crianças, mas de todos os espaços e situações escolares. Também nos apresentaram a possibilidade de participação em mostras de cinema e educação. Aprendemos que os nossos registros poderiam virar cinema, poderiam vir a ser filmes.

Seja para uma mostra de cinema, para uma reunião com as famílias ou para mostrar às próprias crianças, na maioria das vezes as minhas filmagens têm a ver com o momento presente, com o encantamento dos pequenos com a natureza. Naquele instante não filmo pensando no que poderá vir a ser o registro, mas capto o que me afeta e que antes os afetou

8 Esta parte está na primeira pessoa do singular e em itálico por se tratar do relato pessoal da coautora A., profissional da educação infantil cujas práticas com filmagens e filmes são o foco deste artigo.

9 Baseadas nos “dispositivos de criação de imagens” (Miglorin, 2015) e em publicações nas quais eles são pautados, seja na educação em geral (Miglorin et al., 2014), seja na educação infantil (“Lugar-escola e cinema”, 2022).



Mosaico com frames do filme *A natureza da criança*.

Fonte: Canal do YouTube da “X Mostra Kino” e “XIV Mostra Estudantil de Cinema de Campinas”, 2024¹⁰

e, na maioria das vezes, registro sobre o interesse curioso das crianças, nas trocas delas com a terra e os elementos naturais. Ao notar algum destes interesses curiosos em uma criança, a minha afetação é imediata, sempre resultando num registro em imagens. Nesse sentido, posso dizer que minha escolha por filmar algo está sempre relacionada a uma intensidade que me mobiliza a registrar.

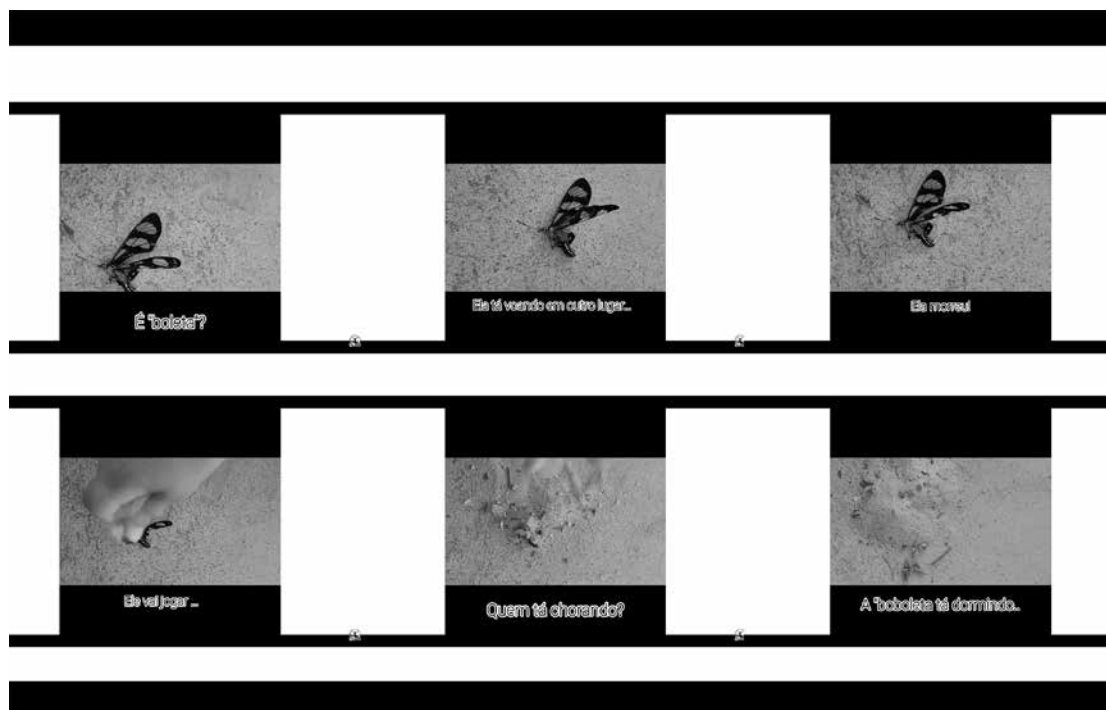
Depois que o projeto chegou percebi que minhas filmagens mudaram. As formas de enquadramento, os ângulos e as “técnicas” aprendidas a partir dos dispositivos de filmagem trouxeram uma nova

emoção aos meus registros. Agora, busco observar o ângulo, o tipo de enquadramento para fazer uma filmagem.

Ter a possibilidade de capturar as reações das crianças com novas “técnicas” me ajuda a criar uma narrativa que fica cada vez melhor do meu ponto de vista. No segundo ano do projeto, em 2024, já comecei a produzir filmagens mais intencionais, o que facilita na hora de montar, pois realizo filmagens já tendo uma ideia de filme.

Com os aprendizados nesse período descobri que esse movimento e necessidade de registro que me afetam poderiam ser compartilhados fora da escola, em forma de filmes. Descobri que as filmagens na escola também poderiam ser registros artísticos e que seria possível levar o olhar e encantamento que tenho pelas crianças para outras pessoas, que o

¹⁰ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=68jtSVGYcXg&t=23s>. Kino Gaia – *A natureza da criança – a criança e o que é natural* – 6min8s a 9min4s.



Mosaico com frames do filme *Voando em outro lugar*.

Fonte: Canal do YouTube da "X Mostra Kino" e "XIV Mostra Estudantil de Cinema de Campinas", 2024¹¹

*que acho tão bonito e encantador poderia não ficar só ali dentro da escola*¹².

Para criar um filme, busco selecionar os momentos que foram mais significativos de uma filmagem mais longa, as experiências mais intensas que me vêm na memória e, por último, a tentativa de dar um sentido para quem vai assistir. Às vezes, quando estou montando um filme, revejo algumas filmagens em meus arquivos e, se ficaram interessantes ou algo me atraiu durante a busca, as uso também.

*Assistir, cortar, montar, assistir e conversar com alguém*¹³, *montar uma segunda, terceira, quarta versão são movimentos da montagem de um filme que, às vezes, levam muitas horas até chegar a uma obra com três minutos*¹⁴, *mas são movimentos de que gosto muito, me dá prazer realizá-los.*

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=68jtSVGYcXg&t=23s>. *Kino Gaia – Voando em outro lugar* – 9min5s a 12min3s. As frases escritas são ditas pelas crianças ao redor.

12 Alguns de meus filmes podem ser assistidos no canal do YouTube Cineclubes Bety Benjamin: https://www.youtube.com/channel/UC1zksxjaLk56CaWXXmISs_Q.

13 Importante dizer que esse "alguém" tem sido quase sempre minha parceira de trabalho, Milena Bocoli, com quem realizei o filme *Agora eu* – <https://youtu.be/ur7X2elAHgc?feature=shared> – a partir de filmagens realizadas pelas crianças da turma. Mas também já ocorreu de esse "alguém" ser algum de meus familiares, filhos e marido.

14 Esta é a duração máxima mais comum utilizada nas mostras de cinema e educação, como a "Mostra Educação", realizada anualmente pela Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual (Rede Kino) durante a "Mostra de Cinema de Ouro Preto (CineOP)", e a "Mostra Kino Campinas", realizada pelo programa "Cinema e Educação" no Museu da Imagem e do Som/MIS-Campinas.

Nas mostras existem critérios, categorias e regras. Uma delas é o tempo, a duração máxima de um filme. É necessário ter esse limite, mas sempre tenho a sensação de que caberia mais alguma coisa, pois sempre há muitas outras filmagens em que o interesse curioso das crianças aparece. Por isto, quanto às categorias em que os filmes são inscritos, sempre escolho as que têm um tempo maior de filme, bem como as relacionadas com a natureza, uma vez que a maioria de minhas filmagens foram feitas nos momentos de interação das crianças com algum elemento da natureza presente no espaço escolar.

A cada novo filme percebo melhoras, tanto nos novos ângulos e novos enquadramentos que estou aprendendo, mas também por conta de outras oportunidades de aprendizado oferecidas pelo programa “Cinema e Educação...” e por outras iniciativas de formação voltadas para o cinema na educação. Sempre que posso e consigo, busco participar dessas formações.

DAS MOSTRAS DE CINEMA PARA O CHÃO DO LUGAR-ESCOLA

“Quando soubemos da oportunidade de ir para a Mostra em Ouro Preto-MG, conhecer outros trabalhos, outros olhares e representar a nossa escola em outro estado, foi uma satisfação imensa. Isso nos mostrou a potência do cinema, que nos fez valorizar mais as nossas produções, e nos incentivou ainda a querer estudar e aprender sobre o assunto pensando em contribuir com a nossa escola na formação do nosso cineclube e mostrar a impor-

*tância do cinema também na educação infantil para nossa comunidade escolar”*¹⁵

Nas palavras da citação acima podemos reconhecer toda a potencialidade das mostras de cinema e educação para os processos e percursos de formação em exercício, uma educação continuada que se faz justamente ao inserir as profissionais da educação nos circuitos da arte, que, no limite, realiza sua formação do mesmo modo que o programa “Cinema e Educação...” e o projeto “Cartografia...” vêm fazendo: inserindo as pessoas no circuito ininterrupto de ver-conversar-fazer.

No entanto, cabe salientar que o relato de A. presente na parte anterior deste artigo aponta que a ordem desses três verbos – gestos cineclubistas, por assim dizer – é bastante embaralhada entre as profissionais da educação, uma vez que o “fazer” filmagens pode ser algo que emerge como um gesto escolar sem conexão com o “ver” e o “conversar”, um “registro simples”, a produção de uma evidência em imagens e sons. E pode ser também um impulso de tornar imagem (e som) aquilo que antes era “somente” a manifestação dos interesses curiosos da experiência corporal de cada criança por estar num lugar-escola que, apesar de pequeno em extensão, é composto de uma enorme variedade de vidas humanas e não humanas, nos fazendo lembrar do pensamento tanto de Léa Tiriba (2005) quanto de Tim Ingold (2012). As filmagens de A. miram aquilo que as crianças miram, daí terem uma

15 Frases escritas por A. no processo de elaboração deste artigo.



Mosaico com *frames* das filmagens do “bebê besouro”.

Fonte: acervo da coautora A.

presença maior das vidas não humanas e os corpos e gestos das crianças poderem, inclusive, estar no extracampo.

As filmagens e filmes que emergiram das práticas de filmar de A. nos fazem notar que fazer cinema a partir do interesse curioso das crianças bem pequenas seria estar nas proximidades dos modos de olhar e viver daqueles que vivem na/da/com a terra, como os povos indígenas (Krenak, 2020) e quilombolas (Santos, 2018).

Um cinema que emerge como uma prática pós-humana, uma criancieira brincadeira investigativa do entorno povoado de vidas das mais variadas, aí incluídas as vidas da areia, da água, do chão, do céu, do vento... Por ser “coisa de criança”, essa investigação em imagens e sons não se faz para se saber alguma coisa (no singular), mas para se descobrir algumas

coisas (no plural). Mais que isso, talvez, não “só” descobrir coisas, mas estabelecer conexões entre elas, como ocorreu com o “bebê besouro” da cigarra, ambos “mortos” do ponto de vista biológico e vivificados na imaginação da criança no momento mesmo em que conecta um à outra, ganhando “outra” vida, a qual foi filmada – registrada?! – pelas lentes da profissional que acompanhava as crianças em seus interesses curiosos. Filmagens que ainda não viraram filme, mas que ainda virão a ser¹⁶.

16 Nestas filmagens vemos as mãos em quadro de um garotinho que, primeiramente, fala que foi buscar o bebê da cigarra que estava em outra parte do parque de areia e, posteriormente, o escutamos contar para as demais crianças da turma sobre a “relação familiar” existente entre os dois pequenos animais que ele leva numa bacia de metal.

Quando essa potência de vir a ser filme se faz nítida e passa a ser considerada, não somente as filmagens que estão sendo realizadas tornam-se outras, uma vez que entram também neste vir a ser todas aquelas outras filmagens realizadas antes e apenas guardadas nas memórias de cada uma das profissionais ou de seus celulares.

Seria, portanto, a descoberta deste vir a ser filmes – não só para mostras de cinema – nos registros filmados um passo importante numa formação *para* e

com o cinema na escola? Nos parece que sim, pois esta potência de vir a ser atua tanto no subjetivo sentir-se capaz de fazer cinema na escola quanto na constituição coletiva de modos de fazer um cinema próprio daquele lugar-escola, um cinema que emerge do vir a ser imagens e sons das vidas heterogêneas, humanas e não humanas, que constituem aquele território, agora habitado pela vida do próprio cinema em seu vir a ser lugar-escola de educação infantil.

REFERÊNCIAS

- CAMPINAS (SP). Resolução SME nº 07, de 24 de março de 2016. Institui o programa Cinema & Educação – A Experiência do Cinema na Escola de Educação Básica Municipal. Campinas, Secretaria Municipal de Educação de Campinas/Prefeitura Municipal de Campinas, 2016.
- “CINEMA E EDUCAÇÃO”, Programa. *Entre telas: cinemas nas escolas*. Campinas, Secretaria Municipal de Educação, 2021.
- EDUCAÇÃO CONECTADA. *Programa Cinema e Educação: a experiência do cinema na escola de educação básica*. Campinas, Prefeitura Municipal de Campinas, 2017a.
- INGOLD, T. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n. 37. Porto Alegre, jan.-jun./2012, pp. 25-44.
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

- "LUGAR-ESCOLA E CINEMA", Projeto. *Cadernos de dispositivos de cinema na educação infantil*. Campinas, Secretaria Municipal de Educação, 2022.
- MELLO, C. *As extremidades do vídeo*. São Paulo, Editora Senac, 2008.
- MICHAUD, P.-A. *Filme: por uma teoria expandida do cinema*. Contraponto, Rio de Janeiro, 2014.
- MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2015.
- MIGLIORIN, C. et al. *Cadernos do inventar – cinema, educação e direitos humanos*. Secretaria de Direitos Humanos – Ministério da Justiça, Universidade Federal Fluminense, 2014.
- MIGLIORIN, C. et al. "A pedagogia do dispositivo: pistas para criação com imagens", in C. Leite; F. Omelczuk; L. A. Rezende (orgs.). *Cinema-educação: políticas e poéticas*. Macaé, Editora Nupem, 2021.
- MIRANDA, C. E. A.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M. de. "Comunidade de cinema com professores: uma experiência de encontro entre universidade e escolas públicas", in W. M. de Oliveira Junior; G. Girardi; F. G. Nunes (orgs.). *Pegadas das imagens na imaginação geográfica*. São Carlos, Pedro & João Editores, 2022.
- OLIVEIRA, W. A. S.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M. "Desarquivando um cineclube escolar: primeiras experimentações com cinema de arquivo". *Quaestio – Revista de Estudos em Educação*, v. 23, n. 1. Sorocaba, 2021, pp. 83-111.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. de; AMARAL, S. R. de F. "Arte e democracia entre cinema e educação infantil", in A. Infantino (org.). *As crianças também aprendem: o papel educativo das pessoas adultas na educação infantil*. São Carlos, Pedro e João Editores, 2022, pp. 163-204.
- SANTOS, A. B. "Somos da terra". *Piseagrama*, n. 12. Belo Horizonte, ago./2018, pp. 44-51.
- TIRIBA, L. *Crianças, natureza e educação infantil*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PUC-RIO, 2005.